

**BENJAMIN  
BLACK**

**MORTE NO  
VERÃO**

Tradução de Ryta Vinagre

**ROCCO**

# Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Créditos

O Autor

# 1

QUANDO SE DIVULGOU QUE RICHARD JEWELL HAVIA SIDO ENCONTRADO com a maior parte da cabeça estourada e uma espingarda nas mãos limpas e sem sangue, poucos, fora ou dentro do círculo familiar, viram em seu falecimento motivo para tristeza. Jewell, conhecido entre os detratores mais elegantes como Diamond Dick, era um homem rico. O grosso de sua fortuna fora herdado do pai, o famoso Francis T. — Francie — Jewell, em certa época prefeito e proprietário de uma cadeia de jornais de muito sucesso que incluía o temido e sensacionalista *Daily Clarion*, o jornal de maior vendagem da cidade. O Jewell mais velho era um diamante bruto, dado a vinganças violentas e ódio aos sindicatos, mas o filho, embora não menos inescrupuloso e vingativo, procurara limpar o nome da família e lhe dar mais lustre usando a filantropia cercada de publicidade. Richard Jewell era um conhecido mecenas de orfanatos e escolas para deficientes, enquanto a recém-inaugurada ala Jewell do Hospital da Sagrada Família estava na vanguarda da luta contra a tuberculose. Estas e outras iniciativas deveriam ter feito de Dick Jewell um herói numa cidade acossada pela pobreza e a doença crônica; porém, agora que estava morto, muitos cidadãos se declararam dispostos a dançar em seu túmulo.

O cadáver foi encontrado naquela tarde de domingo em seu escritório acima do estábulo de Brooklands, propriedade em County Kildare que ele dividia com a mulher. Maguire, o capataz, tinha subido a escada externa para lhe falar de um ganhão que mancava e que provavelmente não participaria do páreo na quinta-feira seguinte em Leopardstown. A porta do escritório estava entreaberta, porém Maguire sabia que não devia entrar sem bater. Naquele momento, contudo, teve a sensação de que havia algo gravemente errado. Quando mais tarde foi solicitado a descrever esta sensação, não conseguiu; o cabelo da nuca, segundo ele, tinha se eriçado e ele se

lembrava de ouvir Blue Lightning relinchando na quietude do curral; Blue Lightning era o queridinho de Dick Jewell, um animal de três anos com muito potencial.

O tiro da espingarda arrancou Jewell da cadeira e o lançou de costas e torto pela mesa, onde ele ficou prostrado, com parte do osso maxilar, alguns dentes e um coto ensanguentado da coluna; pendurado do outro lado, tudo que restou do que um dia foi a cabeça. Na janela panorâmica de frente para a mesa, havia um grande borrifo de sangue e miolos, como uma gigantesca peônia, com um enorme buraco no meio proporcionando uma vista do gramado estendendo-se até o horizonte. No início, Maguire custou a entender o que havia acontecido. Parecia que o homem dera um tiro em si mesmo, mas Diamond Dick Jewell era a última pessoa que Maguire ou qualquer um esperaria meter uma bala na própria cabeça.

Logo começaram os boatos e a especulação. Para piorar o choque, o acontecimento se deu em uma tarde modorrenta de domingo, no verão, enquanto as praias que se estendiam por Brooklands sufocavam no sol e o cheiro mesclado de feno e cavalos espalhava-se denso pelo ar. Quase ninguém tinha conhecimento dos detalhes do que acontecera. Quem, melhor do que os Jewell, sabia abafar um escândalo? E o suicídio, nos dias de hoje, neste lugar, era sem dúvida um escândalo grave.

NA REDAÇÃO DO *CLARION*, NA EDEN QUAY, O CLIMA ERA UMA combinação de pandemônio e incredulidade perplexa. Os funcionários, dos mensageiros aos editores, tinham a sensação de andar submersos, ou por um meio mais pesado e mais obstrutivo do que a água. Ao mesmo tempo, tudo parecia descer uma corredeira acelerada que a tudo carregava. O editor, Harry Clancy, viera de Portmarnock, onde um *caddie* fora mandado de bicicleta para interceptá-lo no 12º buraco, e ainda trajava as roupas de golfe, os tacões dos calçados ressoando no piso de linóleo com seu andar a passos pesados de um lado a outro da mesa, ditando um panegírico à secretária, a madura Srta. Somers, com seu buço, que tomava notas em um bloco carbonado.

— ... Fulminado no auge da vida — entoava Clancy —, por uma hemorragia cerebral... — Ele se interrompeu e olhou a Srta. Somers, que parara de escrever e estava imóvel, o lápis suspenso sobre as folhas de papel que tinha sobre os joelhos. — Qual é o problema?

Parecia que a Srta. Somers não escutara e recomeçou a escrever.

— ... *No auge da vida...* — disse em voz baixa, traçando laboriosamente as palavras no papel cinzento e barato.

— O que devo dizer? — perguntou Clancy. — Que o chefe estourou os miolos?

— ... *Por uma he-mor-ra-gia ce-re-bral...*

— Tudo bem, está certo, corte isso. — Clancy ficara satisfeito consigo mesmo por ter encontrado uma fórmula aparentemente aceitável para a causa da morte. *Foi* uma espécie de hemorragia, não? A perda de sangue foi muita, considerando que Jewell usou uma espingarda em si mesmo. O *Clarion* não diria que tinha sido suicídio, assim como nenhum dos rivais; os suicídios jamais eram publicados na imprensa, era uma convenção tácita, poupar os sentimentos dos parentes e garantir que as seguradoras não usassem o fato como uma desculpa para negar os pagamentos à família. Entretanto, pensou Clancy, era melhor não publicar uma rematada mentira. Logo seria de conhecimento público que o chefe foi comer capim pela raiz, meu Deus, que expressão adequada!, por mais convenientes que fossem as mentiras contadas.

— Diga apenas *na trágica idade precoce de 45 anos e no auge de sua carreira profissional*, e deixe assim mesmo.

Ele pôs as mãos nos bolsos e caminhou estrondosamente até a janela, olhando o rio. Mas será que ninguém limpava esse vidro? Mal conseguia enxergar. Tudo tremeluzia no calor, e ele quase sentia o gosto da poeira de cinzas no ar. O rio emanava um fedor bilioso que nem o vidro mais espesso do mundo conseguia isolar.

— Leia o que ditei até agora — resmungou Clancy. Naquele dia, ele estava em ótima forma no campo de golfe, com três pars e um birdie no nono buraco.

A secretária arriscou um olhar de soslaio. Aquele suéter cor-de-rosa cabia muito bem num campo de golfe, pensou ela, mas ali, no escritório, dava-lhe a aparência de um maricas envelhecido. Clancy era

um homem corpulento, com uma cabeleira cacheada e castanho-arruivada, agora trazendo seus fios grisalhos, e hachuras de veias arroxeadas cobrindo o osso molar, legado de toda uma vida de muita bebedeira. Ele próprio deveria se preocupar com uma hemorragia cerebral, refletiu a Srta. Somers. Era o quarto editor para quem ela trabalhava nos quarenta anos de emprego no *Clarion*, sem contar Eddie Randall, que não aguentou a pressão depois de 15 dias no cargo e foi demitido. Ela se lembrava do velho Jewell, conhecido como Francie; certo Natal, bebendo um vinho do Porto em Mooney, ele fizera uma proposta indecente que ela fingiu não entender. De qualquer modo, era um homem de verdade, não como os de agora, que se intitulam jornalistas — o que houve com os *repórteres*? —, passam metade da semana útil jogando golfe e a outra metade no pub.

Mais uma vez, Clancy andava de um lado a outro, tagarelando:

— ... Rebendo de uma distinta família de Dublin e... — de novo ele parou, de súbito, enquanto a Srta. Somers, delicada mas patentemente, dava um pigarro. — O que foi agora?

— Desculpe-me, Sr. Clancy... Mas que palavra foi essa?

— Qual? — Ele estava confuso.

— Quis dizer *rebento*? — perguntou a Srta. Somers. — Creio que se pronuncia assim, e não *rebendo*.

Ela não ergueu os olhos, e Clancy ficou no meio da sala, respirando fundo, olhando fixamente, furioso e impotente, com a divisão branca no meio de seu cabelo prateado. Mas que solteirona impossível e seca!

— Ah, perdoe minha ignorância, por favor — disse ele com um sarcasmo cansado — ... *rebento* de uma distinta família de Dublin... — E um filho da puta impiedoso, era o que pensava, que arrancaria seu coração com a rapidez com que o olhava. Ele gesticulou com impaciência e sentou-se à mesa. — Vamos terminar isso mais tarde. Temos muito tempo. Diga à telefonista que ligue para Hackett, na Pearse Street, está bem?

MAS É CLARO QUE O INSPETOR HACKETT ENCONTRAVA-SE EM Brooklands. Assim como Clancy, não estava de bom humor. Tinha acabado de terminar o jantar de domingo — um belo pernil de

cordeiro — e se preparava para ir a Wicklow, pescar um pouco, quando o telefone tocou. Um telefonema num fim de tarde de domingo tinha de ser ou da cunhada, ameaçando uma visita com a prole, ou da central de polícia. Hoje, de algum modo, só de ouvir a campainha estridente ele soube o que era e que o problema seria bem pesado. O novo colega, Jenkins, o apanhou em uma viatura policial; ele ouviu a gritaria da sirene a três ruas de distância. A mulher havia lhe preparado um sanduíche com os restos do pernil — hoje em dia, parecia que a principal tarefa na vida de May era mantê-lo alimentado —, e o chumaço quentinho de pão e carne embrulhado em papel impermeável, pesando no bolso do paletó, era uma irritação. Ele teria jogado a coisa pela janela da viatura quando chegasse ao campo, mas teria parecido deslealdade da parte dele.

Jenkins estava muito animado. Era a primeira tarefa séria de que participava desde que fora designado para trabalhar com o inspetor-detetive Hackett, e certamente prometia ser séria. Embora os primeiros relatos de Brooklands tenham sugerido que Richard Jewell se matara, Hackett estava cético e suspeitava de ato criminoso. Jenkins não entendia a calma do inspetor — mesmo com todos os anos de serviço, ele não poderia ter cuidado de mais do que alguns poucos casos de homicídio, e certamente nenhum tão sensacional como este, se homicídio fosse. A única preocupação que parecia ter, porém, era com o cancelamento de sua viagem de pesca. Quando saiu da casa, com a esposa pairando atrás dele na sombra da soleira, estava carrancudo, e a primeira coisa que fez ao entrar no carro foi perguntar por que diabos a sirene havia sido ligada, uma vez que era domingo e quase não havia carro nenhum nas ruas. Depois disso, mal falou uma dezena de palavras até chegarem à cidade de Kildare. Lá, tiveram de perguntar o caminho para Brooklands, o que o deixou ainda mais irritado — “Mas será possível que você não pensou em olhar a porcaria do mapa antes de sair?” Depois, quando enfim chegaram a Brooklands, veio a pior humilhação de todas. Uma coisa era um cadáver, outra bem diferente era um cadáver sem nada onde deveria estar a cabeça, apenas parte do maxilar e aquele pedaço cartilaginoso da coluna se projetando das costas.

— Saia! — gritou o inspetor quando viu que Jenkins ficou verde.

— Saia antes que você vomite nas provas! — O pobre Jenkins desceu cambaleando a escada e expeliu o que restava do jantar num canto do pátio calçado com pedras.

Era estranho para Hackett estar parado ali, em uma requintada propriedade rural, com os passarinhos cantando e uma nesga de sol se projetando da porta aberta da sala de Jewell em seus calcanhares e, ao mesmo tempo, ter nas narinas o velho e familiar cheiro da morte violenta. Não sentia esse cheiro com muita frequência, mas depois que se pega não pode ser esquecido jamais, este leve fedor mesclado de sangue, excrementos e mais alguma coisa, algo rarefeito, penetrante e insidioso, o cheiro do próprio terror, talvez, ou do desespero — ou seria fantasia dele? Poderiam o desespero e o terror deixar algum vestígio? Ele ouviu Jenkins no pátio, agora com ânsias de vômito seco. No fundo, não conseguia encontrar motivos para culpar o coitado por sua fraqueza; Jewell era uma visão apavorante, esparramado pela mesa, retorcido como um saca-rolha, os miolos espirrados na janela a suas costas. A espingarda era uma beleza, percebeu ele, uma Purdey, se não estava enganado.

Jenkins subiu a escada a passos pesados e parou pouco além da porta.

— Desculpe-me, inspetor.

Hackett não se virou. Estava junto da mesa, com as mãos nos bolsos da calça e o chapéu empurrado para trás. Havia um brilho, Jenkins notou, nos cotovelos e nas costas de seu paletó azul. Para além do ombro do chefe, ele olhou para a coisa jogada pela mesa como um corte de carne. Estava decepcionado; tinha esperanças de um homicídio, mas o cadáver segurava a arma nas próprias mãos.

Eles ouviram um carro aproximar-se no pátio. Jenkins olhou escada abaixo.

— A perícia — disse ele.

O inspetor fez um gesto de corte com o lado da mão, ainda sem se virar.

— Diga a eles que esperem um minuto. Diga... — ele soltou uma risadinha curta — diga que estou refletindo.

Jenkins desceu a escada de madeira, vieram vozes do pátio, e depois ele voltou. Hackett teria preferido ficar sozinho. Sempre sentia uma



paz peculiar na presença dos mortos; era a mesma sensação, ele percebeu assustado, que tinha agora quando May ia dormir cedo e o deixava em sua poltrona perto da lareira, com um copo de alguma coisa na mão, examinando os rostos no fogo. Isto não era um bom sinal, esse desejo da solidão. Eram os outros cheiros, mais adocicados, de cavalos, feno e coisas assim, que o faziam pensar dessa maneira — no passado, na infância, na morte, naqueles de sua vida que morreram ao longo dos anos.

— Quem o encontrou? — perguntou. — O cavaliço?

— O capataz — informou Jenkins, atrás dele. — Chama-se Maguire.

— Maguire. Sei. — Cenas como esta perda sangrenta eram um momento parado no tempo, uma fatia cortada do fluxo comum das coisas que ficava suspensa, como um espécime preso entre as lâminas de vidro sob um microscópio. — Ele ouviu o tiro?

— Disse que não.

— E onde está agora?

— Na casa. A Sra. Jewell o levou para lá, tal era seu estado de choque.

— Ela está aqui, a esposa... a viúva? — A mulher de Jewell era estrangeira, ele se lembrou. Espanhola? Não, francesa. — Ela ouviu o disparo?

— Não falei com ela.

Hackett avançou um passo e tocou o pulso do morto. Frio. Podia estar jogado ali há horas e ninguém percebera.

— Diga ao pessoal da perícia para subir. — Jenkins foi à porta. — E onde está Harrison, a caminho? — Harrison era o legista do estado.

— Parece que está doente.

— Mais provável que tenha saído no barco dele.

— Parece que ele teve um ataque cardíaco.

— É mesmo?

— Na semana passada.

— Meu Deus.

— Estão mandando o Dr. Quirke.

— É claro que estão.

MAGUIRE ERA UM HOMEM CORPULENTO, CABEÇA GRANDE E QUADRADA e mãos quadradas e trançadas de veias, ainda mais visíveis devido ao tremor. Estava sentado à mesa da cozinha sob um raio de sol amarelado, com uma xícara de chá diante de si, olhando fixamente o vazio. Estava lívido, e o lábio superior também tremia. Hackett olhou vidrado para ele, de cenho franzido. Os que pareciam ser os mais durões, pensava, sempre sofriam o pior golpe. Havia um vaso de tulipas cor-de-rosa na mesa. Nos campos, em algum lugar, zumbia um trator; colhendo feno, em uma tarde de domingo, para aproveitar o melhor do clima. Havia previsão de chuva para o fim da semana. Um rádio grande numa prateleira ao lado da pia falava sozinho em voz baixa.

Hackett encontrara-se apenas uma vez com Richard Jewell, em uma campanha de financiamento para as viúvas da Garda. Para ele, Jewell possuía um brilho anódino, como todos os ricos, e só os olhos eram reais, colocados como rebites numa máscara sorridente. Mas era bonito, de um jeito lupino, dentes brancos e grandes demais, e um nariz que parecia um machado de pedra. Ao transitar pelos convidados, cumprimentando sorridente o comissário e o prefeito e deixando as mulheres de joelhos bambos, ele parecia manter-se distante, virando-se para um lado e para outro, como se na realidade fosse uma pedra preciosa a ser admirada e invejada. Diamond Dick. Não era difícil se impressionar com ele. Por que um homem desses pensaria em se matar com um tiro?

— Quer um chá, inspetor? — perguntou a Sra. Jewell. Alta, magra, olhos escuros intensos, ela estava junto da pia, segurando nos dedos um cigarro, fria e com uma calma sobrenatural, num vestido de seda cinza e sapatos de couro estreitos com saltos agulha. O cabelo muito preto estava amarrado à nuca e ela não trazia joias. Uma ave alta e imponente, digamos uma garça, teria parecido menos incongruente do que esta mulher em um ambiente tão doméstico.

— Não, obrigado, senhora — disse Hackett. Jenkins fez um barulho, e Hackett voltou-se para o lado dele, erguendo a mão. — A propósito, este é o sargento-detetive Jenkins. — Sempre que ele dizia o nome do jovem, precisava morder o lábio inferior para não sorrir. Jenkins: por algum motivo, fazia Hackett pensar em um quadro que

vira em algum lugar quando criança, retratando um porco de chapéu com buracos para as orelhas grandes e peludas. E, de fato, as orelhas de Jenkins eram extraordinariamente grandes e até meio pontudas. Ele tinha o rosto comprido e muito branco, e um pomo de adão que parecia ligado à ponta de um elástico. Embora zeloso e sempre prestativo, era um espécime infeliz. Muitas são as coisas, disse Hackett a si mesmo, enviadas a nós para nos testar.

— Diga-me, senhora — perguntou ele com cautela —, estava aqui quando... quando aconteceu?

A Sra. Jewell arqueou uma sobrancelha.

— E *quando* aconteceu?

— Não teremos certeza de nada até a chegada do legista, mas meus colegas acreditam que possa ter sido quatro ou cinco horas atrás.

— Então, não. Eu cheguei aqui... — ela olhou o relógio na parede, acima do fogão — às três, três e meia, algo assim.

Hackett assentiu. Gostava do sotaque da mulher. Ela não parecia francesa, mais aquela sueca dos filmes, como se chama mesmo?

— Pode pensar em algum motivo para seu marido...?

Ela quase riu.

— Não, claro que não.

Ele assentiu novamente, de cenho franzido em direção ao chapéu, cuja aba segurava levemente entre a ponta dos dedos indicador e polegar das mãos; irritava-o que diante desta mulher parecesse um candidato a alguma coisa, todo submissão e humilde deferência. De súbito lhe ocorreu que todos tinham uma postura estranha, com exceção de Maguire, arriado na mesa, em choque. Qual era o problema do camarada, ele perdeu completamente a coragem?

Ele voltou a atenção mais uma vez para a mulher.

— Perdoe-me por dizer isso, Sra. Jewell, mas a senhora não me parece muito surpresa.

Ela arregalou os olhos — que olhos extraordinários, pretos e reluzentes, as pálpebras afiladas nos cantos, como de um felino.

— Mas certamente estou. Eu estou — ela se atrapalhou com a palavra —, estou perplexa.

Isto não permitia nenhum progresso no assunto, assim ele se virou de novo para o capataz.

— Você disse que não ouviu o tiro?

No início, Maguire não percebeu que era com ele que falavam, e Hackett teve de repetir a pergunta, desta vez mais alto. O grandalhão se mexeu como se alguém o tivesse cutucado por trás.

— Não — disse ele, de cenho franzido para o chão. — Eu devia estar nos galopes.

Hackett olhou para a Sra. Jewell.

— Os galopes, onde os cavalos são exercitados — disse ela.

Ela terminou o cigarro e procurava onde colocar a guimba, com um ar de vaga impotência um tanto irônica; era como se jamais tivesse entrado numa cozinha, nem mesmo nesta, e ficasse ao mesmo tempo admirada e confusa com a singularidade de todos aqueles utensílios e eletrodomésticos estranhos. Jenkins viu um cinzeiro na mesa e avançou rapidamente, levando-o para ela, sendo recompensado com um sorriso inesperadamente caloroso, até radiante, e pela primeira vez Hackett via que linda mulher era ela — magra demais, fria demais a sua maneira, porém, ainda assim, linda. Ele ficou surpreso consigo mesmo; nunca foi um grande conhecedor da beleza feminina.

— A senhora foi ao escritório? — quis saber.

— Sim, naturalmente. — Ele ficou em silêncio, virando lentamente a aba do chapéu nos dedos. Ela sorriu com um lado da boca. — Estive na França durante toda a guerra, inspetor — disse ela. — Não foi o primeiro cadáver que vi na vida.

Ingrid Bergman — era isso, era com ela que a Sra. Jewell se parecia. Ela o observava e, com este exame atento, ele baixou os olhos. O que era o marido para ela agora, um cadáver? Que pessoa estranha ela é, pensou Hackett, mesmo para uma francesa.

Subitamente, Maguire falou, surpreendendo tanto a si quanto aos outros, ao que parecia.

— Ele tinha me pedido para limpar a arma — disse. Os três o olharam. — Ele me entregou ontem e pediu para que limpasse. — Maguire correspondeu aos olhares, um de cada vez. — Nunca pensei — acrescentou, num tom assombrado. — Eu nunca teria pensado.

Não havia nada a ser dito a respeito daquilo, e os outros voltaram ao que faziam, como se ele nem tivesse falado.

— Quem mais estava na casa? — perguntou Hackett à Sra. Jewell.

— Acho que ninguém. Sarah... a esposa do Sr. Maguire é nossa governanta... estava na missa, depois foi visitar a mãe. O Sr. Maguire mesmo, como ele disse, estava nos galopes. E eu ainda vinha para cá, no Land Rover.

— Nenhum outro empregado? Dos currais, garotas do estábulo — ele não sabia os nomes técnicos —, alguém assim?

— É claro — respondeu a Sra. Jewell. — Mas é domingo.

— Ah, sim, é verdade. — Aquele trator, seu ruído penetrante, embora distante, dava-lhe dor de cabeça. — Quem sabe seu marido já estivesse contando com isso, com o lugar deserto?

Ela deu de ombros.

— Talvez. A essa altura, quem pode saber? — Ela cruzou as mãos levemente sobre o peito. — O senhor deve entender, inspetor... — Ela se interrompeu. — Perdoe-me, eu...?

— Hackett.

— Sim, sim, desculpe-me, inspetor Hackett. O senhor deve entender que meu marido e eu vivíamos separadamente.

— Estavam separados?

— Não, não. — Ela sorriu. — Ainda agora, às vezes meu domínio da língua... eu quis dizer que cada um de nós tinha sua própria vida. É... foi... um casamento assim. — Ela sorriu de novo. — Acho que talvez eu o tenha chocado um pouco, não?

— Não, senhora, de maneira nenhuma. Só estou tentando entender as circunstâncias. Seu marido era um homem muito importante. Haverá muita coisa sobre isso nos jornais, muita especulação. É tudo muito... delicado, digamos assim.

— Quer dizer que haverá um escândalo.

— Quero dizer que as pessoas vão querer saber. As pessoas procurarão motivos.

— As *pessoas*? — disse ela num tom severo, pela primeira vez mostrando uma centelha de paixão, nada mais que uma centelha. — O que as *pessoas* têm a ver com isso? Meu marido morreu, o pai de minha filha. Sim, é um escândalo, mas é para mim e minha família, e para mais ninguém.

— É verdade — disse Hackett com brandura, concordando. — É verdade. Mas a curiosidade coça muito, Sra. Jewell. Eu recomendaria

que a senhora tirasse o fone do gancho por um ou dois dias. Tem amigos com quem possa ficar, tem onde se hospedar?

Ela jogou a cabeça bem para trás e o olhou pela extensão do nariz de ossatura estreita e fina.

— Será que dou a impressão, inspetor — perguntou ela num tom gélido —, de ser do tipo que se esconderia? Eu conheço as *pessoas*, conheço sua *coceira*. Conheço interrogatórios. Não tenho medo.

Houve um breve silêncio.

— Tenho certeza de que não, Sra. Jewell — disse Hackett. — Estou certo disso.

Jenkins, ao fundo, olhava vidrado para a mulher, num fascínio admirado. Maguire, ainda perdido em si mesmo, soltou um forte suspiro. A raiva da Sra. Jewell, se fora mesmo raiva, cedeu e ela virou o rosto. De perfil, parecia uma figura na tumba de um faraó. Depois eles ouviram outro carro guinchando no calçamento do pátio.

— Deve ser Quirke — disse o inspetor Hackett.

O FIM DE TARDE ADQUIRIU UM TOM DE BRONZE, E HACKETT andava em um *paddock* atrás do estábulo. A grama ressecada estalava sob seus pés, levantando nuvens de uma poeira âmbar. O campo precisava de chuva, era bem verdade, embora fosse apenas o início de junho. Ele viu o Dr. Quirke aproximar-se da casa e parou, esperando por ele. Vacilando naqueles pés absurdamente delicados, o grandalhão não parecia tanto andar, mas cambalear, mancando um pouco; parecia ter tropeçado em algo havia muito tempo e ainda tentava recuperar o equilíbrio. Usava o terno escuro e trespassado de sempre e um chapéu mole e preto. Hackett acreditava que, se por acaso eles se encontrassem no meio do deserto do Saara, Quirke estaria com a mesma roupa, o paletó abotoado e o chapéu cobrindo o olho, a gravata estreita com um nó torto.

— Dr. Quirke — disse o detetive, cumprimentando-o —, já lhe ocorreu que estamos na linha de trabalho errada? Parece que só nos encontramos quando alguém morre.

— Como coveiros. — Quirke levantou o chapéu e passou a mão na testa úmida e reluzente. — Que calor.

— Está reclamando, depois do inverno que tivemos?

Eles se viraram juntos e olharam a casa e as cavalariças dispersas.

— Lugar bonito — disse Hackett. — E pensar que é o único cantinho de Diamond Dick no campo. — A casa tinha tamanho suficiente para ser uma mansão, com requintadas janelas georgianas e uma escada com degraus de granito levando a uma porta de entrada flanqueada por duas robustas pilastras pintadas de branco. Hera e videira silvestre grudavam-se às paredes, e cada uma das quatro imponentes chaminés de tijolos cor de mel tinha pelo menos doze capelos.

— Conhece a viúva?

Quirke ainda estreitava os olhos para a casa.

— Sim — disse. — Eu já a conhecia, não me lembro de onde... Um ou outro evento.

— Sim, os Jewell eram um ótimo casal para os eventos.

Eles tinham consciência de um constrangimento entre os dois, sutil, mas quase palpável. A morte tinha este efeito; era um embaraço, como um mau cheiro. Eles falaram de Harrison e de seu ataque cardíaco. Quirke disse que não se importava de ser chamado em um domingo e Hackett pensou, sim, os solteiros não se importam com os domingos. Mas soubera que Quirke estava saindo com uma mulher — uma atriz, não era isso? Ele achou melhor não perguntar; a vida particular de Quirke era uma embrulhada, na melhor das hipóteses. Se é que existia vida particular neste país, pensou o detetive.

Eles partiram pela grama seca na direção da casa.

— Deu uma olhada em sua excelência? — perguntou o inspetor.

Quirke concordou com a cabeça.

— Uma mixórdia.

— De fato. — Houve uma pausa. — E o que você achou?

— Bem — disse Quirke, seco —, é difícil ter alguma dúvida da causa da morte.

Eles deixaram o *paddock*, e Hackett passou a trava no portão. Um cavalo invisível em um dos estábulos bufou ruidosamente pelos beiços e deu um coice em algo de madeira. Outros animais também se agitaram e voltaram a se acalmar. Havia um desconforto na quietude de domingo — ou era só imaginação? Não, a morte violenta é uma